

“Lições do mestre”: da tradução como viagem e da literatura como direito

Marcel Vejmelka*

RESUMO

Em uma retrospectiva em forma de perspectiva crítica e, ao mesmo tempo, balanço pessoal, espero poder contribuir para o que poderia ser considerado o legado de Antonio Candido. A exemplo da experiência de ter traduzido para o alemão os ensaios reunidos em uma antologia publicada em 2005, vou exemplificar as leituras e reflexões do tradutor, para, a partir dali, repensar algumas questões fundamentais tratadas na obra de Antonio Candido, particularmente a da tarefa crítica da docência e do estudo literário, como também a da (ir) relevância da literatura na sociedade atual, como ficou refletida no conhecido ensaio “O direito à literatura”, de 1988.

Palavras-chave: Antonio Candido. Crítica literária. Tradução literária. Docência. Direitos humanos.

* Departamento de Espanhol e Português, Faculdade 06 Tradução, Linguística e Estudos Culturais, Universidade Johannes Gutenberg, Mainz / Gernersheim. Doutor em Estudos Latino-americanos / Brasileiros.

“Master Lessons”: on Translation as a Journey and on Literature as a Right

ABSTRACT

Combining critical perspectivation and personal account, I hope to offer a retrospective on my experience with the thought of Antonio Candido and a contribution to what we could consider his legacy. First I talk about my translation of a selection of his essays to German for an anthology published in 2005, about the translator’s readings and reflections, which serve as a starting point for rethinking some fundamental issues of Candido’s thought, such as the critical task of teaching and studying literature, also the question of literature’s social (ir)relevance in our days, as analyzed in the famous essay “O direito à literatura” (“The right to literature”, 1988).

Keywords: Antonio Candido. Literary criticism. Literary translation. Teaching. Human rights.

Quando a minha “mestra” Ligia Chiappini me convidou a participar de um evento de homenagem a Antonio Candido em novembro de 2018, no Instituto Latino-Americano da Universidade Livre em Berlim, terminou comentando que ela achava que, na ocasião, “os jovens deveriam tomar a palavra”. O fato de me ver incluído nesse grupo ainda hoje me honra e lisonjeia muito, embora saiba que há muito tempo já não corresponde à realidade. Por isso, ao aceitar o convite, pensei em uma contribuição que apresentasse certa perspectivação, sem por isso deixar de ser uma espécie de balanço pessoal, uma forma de retrospectiva.

No título do meu texto incluí a palavra “mestre”, mesmo sabendo que pode causar mal-entendidos. Entretanto, esse conceito – desligado de qualquer idolatria ou veneração estarecida – tem um papel central no meu aprendizado relacionado com Antonio Candido, e eu aprendi o seu significado complexo e diferenciado com Ligia Chiappini, que soube muito bem definir a sua própria relação de “discípula” com o “mestre” e repassar essa valiosa experiência:

Em suas aulas, o professor dedicado, na opinião unânime de seus discípulos, juntava rigor e abertura, compreensão sem condescendência, servindo de exemplo ético e científico, mas incentivando os estudantes a caminhar pelas próprias pernas e pensar pela própria cabeça: a ser formado, formando-se e liberando-se do mestre. (CHIAPPINI; VEJMEKKA, 2009, p. 245).¹

Eu, pessoalmente, não tive a oportunidade de ser aluno, sentado em sala de aula na presença do professor Antonio Candido. Nem sei como descrever adequadamente essa relação

¹ O texto citado constitui a “retradução” para o português do nosso prefácio para a antologia com ensaios de Antonio Candido publicada em alemão (CHIAPPINI; VEJMEKKA, 2005).

indireta, que pula uma geração de “mestre e discípula”, mas que contém o aprendizado imediato através dos textos e da leitura. Em todo caso, foi por essas múltiplas e entrelaçadas vias que fui levado a conhecer a obra e o pensamento de Antonio Candido.

O primeiro contato se deu durante o doutorado, quando uns poucos e (não por acaso) curtos estudos da obra de João Guimarães Rosa chegaram a orientar toda uma linha interpretativa, central também na minha tese (VEJMELKA, 2005).² A partir dali e desde então, eu tenho a oferecer duas vias de acesso à (e de reflexão sobre a) obra de Antonio Candido, que talvez contribuam para o que poderia ser considerado o legado dele: a “viagem do tradutor” e a questão da relevância social da literatura, mencionadas no título.

A viagem do tradutor

O que é um tradutor? Essa é uma questão que há mais de 20 anos me ocupa e me motiva, às vezes também me perturba, desde os dias de estudante, passando pela prática em diferentes campos e chegando aos dias de hoje no ofício de professor dessa área. Segundo Berthold Zilly, outro “mestre” de grande importância na minha formação acadêmica e pessoal, também dos meus tempos berlinenses, o tradutor é o leitor privilegiado – o mais atento, mais cuidadoso, mais completo – do texto que ele traduz.

² Também incluímos a minha tradução do ensaio “O homem dos avessos” (“Der verkehrte Mensch”) – de importância fundamental para as minhas leituras e análises no mundo de João Guimarães Rosa – em uma coletânea de estudos rosianos publicada na Alemanha (CANDIDO, 2007).

Pois ele é um *Vorleser* em vários sentidos, ou seja, um *pré-leitor* e *pró-leitor*, aquele que lê antes dos outros e pelos outros, sendo ao mesmo tempo um *recitador*, aquele que lê em voz alta para os outros, para uma audiência, prefigurando a sua compreensão do texto, espécie de *preletor*, que ensina como se deve ler. (ZILLY, 2000, p. 87).

Assim, a tarefa de traduzir um texto é também o pretexto e a oportunidade para passar um tempo mais extenso e também mais intenso com ele do que seria normalmente possível. Evidentemente, isso vale somente para traduções fora do comum, das rotinas profissionais e mercadológicas, realizadas com um ritmo próprio e adequado, com objetivos para além da leitura de consumo instantâneo. Bem parecida se apresenta, na definição de Antonio Candido, a tarefa do crítico literário, ele também um leitor privilegiado e nada comum:

Para dar conta de um texto e de suas relações com os seus vários contextos, o crítico precisa ler, reler, refletir, repensar, entrar no texto e sair dele através de outros textos, voltando a ele pelo filtro dos discursos articulados. [...] A novidade teórica de Antonio Candido é difícil de perceber e de valorizar, porque é uma espécie de “ovo de Colombo”, resultando de um mergulho incessante, rigoroso e prazeroso na concretude das obras, o que permite superar dogmas e obviedades de generalizações enganosas. (CHIAPPINI; VEJMELKA, 2009, p. 247).

Em 2005, Ligia Chiappini e eu – ela, como organizadora, eu, como tradutor – publicamos uma antologia com ensaios de Antonio Candido em alemão. Dessa maneira, eu tive esse privilégio do tradutor, definido por Berthold Zilly, de dever e poder ler, de forma exaustiva e profunda, uma seleção de textos que incorporam, se não a essência (porque os essencialismos são perigosos!), uma parte central e representativa da obra de

Antonio Candido. E não há dúvida que a minha relação com esses textos, bastante intensa e profunda, até extraordinária, deve muito à minha “viagem”, ou melhor a minha “travessia” – bem no sentido “rosiano” – por eles como o seu tradutor. É bem possível que parte das reflexões de Antonio Candido tenha se gravado no meu subconsciente; em todo caso, elas orientam até hoje a minha perspectiva sobre a literatura e a leitura crítica, as suas possibilidades, as suas potencialidades e a sua relevância.³

No total, foram incluídos na antologia 17 textos, distribuídos em cinco blocos temáticos e que representam – como já disse – os elementos “decisivos” do pensamento de Antonio Candido. Dessa maneira, os blocos temáticos contém textos (1) sobre as funções sociais da literatura, (2) com leituras “universais” e (3) de contextualização latino-americana ou latino-americanista da crítica literária, (4) textos relacionados com a cultura alemã e (5), como uma espécie de epílogo, duas notas de caráter biográfico e pessoal, que são de interesse específico no contexto alemão.⁴

³ A tarefa de traduzir os textos selecionados para a antologia me proporcionou inclusive outra “viagem”, esta, no mundo extratextual e físico, e outro privilégio, a saber o meu único encontro pessoal com Antonio Candido, para passar uma parte da manhã com ele na sala e discutir dúvidas e perguntas minhas a respeito dos ensaios a traduzir e logo ficar simplesmente escutando o “mestre” falar sobre literatura em geral e a literatura alemã em particular. É possível obter uma ideia bastante concreta da situação descrita na entrevista feita por Ligia Chiappini e gravada em vídeo para acompanhar, em formato de DVD, o lançamento da antologia em alemão em 2005 (cf. CHIAPPINI/VEJNELKA, 2009, p. 242). O vídeo está disponível online nos arquivos do projeto de pesquisa sobre “Intelectuais Brasileiros: dinâmicas culturais e ensaios transdisciplinares” na Universidade Livre de Berlim: <https://www.lai.fu-berlin.de/forschung/forschungsprojekte/aktuelle_projekte/brasilianischeintellektuelle/Entrevistas/Antonio_Candido/index.html>.

⁴ Os textos são os seguintes:
Thematische Verbindungen zu Deutschland [Laços temáticos com a Alemanha]: “Deutschland = Nazismus? [Alemanha = Nazismo?]”; “Der Überbringer [O portador]”; “Jüngers Reise [A viagem de Jünger]”; “Leidenschaftliche Dialektik [Dialética apaixonada]”; “Die Liebe zur

Passagem do tradutor enquanto leitor e aluno para os contextos do ofício

Se faço um balanço hoje, a antologia somente teve um sucesso limitado nos países de língua alemã, com pouca divulgação e circulação, em parte devido ao funcionamento do sistema crítico e acadêmico alemão, que continua fiel às tradicionais hierarquias da produção e circulação de saberes, segundo as quais o “sul global” ou, mais concretamente, a América Latina somente obtém lugar quando mediados pelo sistema anglo-saxão. Um sintoma bem simbólico disso foi a renúncia da editora a manter o livro no catálogo e a devolução dos direitos da tradução poucos anos depois do lançamento. Em contrapartida, um momento de alegria se deu pelo gesto de reconhecimento que representou a inclusão da tradução do ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, contida na antologia (CANDIDO, 2005), na coletânea de Estudos Culturais Latino-Americanos *Lateinamerikanische Kulturtheorien: Grundlagentexte*, organizada por Isabel Exner e Gudrun Rath, em 2015 (CANDIDO, 2015).

Unabhängigkeit [O gosto pela independência]”;
Literatur und ihre gesellschaftlichen Funktionen [A literatura e as suas funções sociais]: “Kritik und Soziologie (ein Klärungsversuch) [Crítica e sociologia]”; “Anregungen für das literarische Schaffen [Estímulos da criação literária]”; “Das Recht auf Literatur [O direito à literatura]”;
Literarische Analysen und Interpretationen [Análises e interpretações literárias]: “Die Schuld der Könige: Befehlsgewalt und Transgression in *König Richard der Zweite* [A culpa dos reis: mando e transgressão em *Ricardo II*]”; “Dialektik des Malandro [Dialética da malandragem]”; “Die Welt des Sprichworts [O mundo-provêrbio]”;
Beziehungen zwischen Brasilien und Hispanoamerika [Relações entre o Brasil e a América Hispânica]: “Die Zweischneidigkeit der Literatur [Literatura de dois gumes]”; “Literatur und Unterentwicklung [Literatura e subdesenvolvimento]”; “Die Brasilianer und unser Amerika [Os brasileiros e a Nossa América]”; Anhang: Frühes Interesse an Deutschland [Apêndice: Interesse precoce pela Alemanha]: “Ein Sommer in Berlin [Um verão, em Berlim]”; “Bismarcks Werk [A obra de Bismarck]”.

As organizadoras dessa coletânea incluíram este texto justamente por se tratar de um “clássico” dos estudos literários e culturais latino-americanos, traduzido antes já para o espanhol (aliás, a versão “original” da primeira publicação do texto), francês e inglês. Uma esperança, mesmo que pequena, é que essa coletânea consiga circular no mundo de língua alemã de maneira análoga a exemplos em outras línguas, na passagem entre os estudos latino-americanos e a área mais ampla dos estudos culturais, para tornar mais conhecida e reconhecida a rica produção teórica da academia latino-americana.⁵

Também a mim esse texto marcou de forma profunda, na minha percepção da literatura no contexto socio-histórico da América Latina. Entretanto, de maneira autocrítica e confessional, expresso hoje as minhas dúvidas sobre se o paradigma nele proposto, o da literatura como ferramenta ativa da transformação sociocultural, ainda está em vigor ou se temos que considerá-lo – o paradigma e com ele o ensaio – como um “clássico” no sentido museal. Por outro lado, são dúvidas e discussões nada novas, os questionamentos do papel formativo da literatura estão presentes no contexto acadêmico desde a primeira publicação do ensaio, só que com cada vez mais veemência e urgência nas décadas mais recentes. Justamente por isso, sempre vale a pena reler e reconsiderar o pensamento de Antonio Candido, nunca duvidoso a respeito do valor e da importância social da literatura, sem por isso tomar essa função como algo dado ou natural.

⁵ Penso em antologias como a iniciativa latino-americanista do diálogo teórico entre o Brasil e a América Hispânica em espanhol, português (FERNÁNDEZ MORENO 1972, 1979) e em francês (FERNÁNDEZ MORENO/ ORTEGA 1979), ou na coletânea tanto canonizada como canonizante de DEL SARTO/RÍOS/TRIGO (2004).

Da Literatura como direito

A questão é essencial, pois a (ir)relevância da literatura determina, diretamente a tarefa crítica, que tem a mesma intenção de exercer um papel social e cultural ativo. Qual literatura divulgar e discutir criticamente, em que contextos e meios, hoje em dia, em interação com qual público e contribuindo para qual tradição? O próprio Antonio Candido colocou essa pergunta a si mesmo e a todos nós, em um ensaio publicado em 1995:

Ao deixar de ser veículo indispensável para apresentar a realidade dos nossos países, ela [a literatura] se concentra em si própria; isto é enriquecimento ou perda? Concentrando-se em si própria, fechando-se sobre si, estaria ela ganhando ou perdendo validade? Se estiver ganhando validade, cabe uma última pergunta: é possível usar as técnicas do “fechamento” para continuar exprimindo a realidade que antes se exprimia pelas técnicas da “abertura”, graças às quais podia inclusive transbordar dos seus domínios e se associar à história, à política, à sociologia? (CANDIDO, 1995, p. 15).

E dali, chegamos também ao **ofício** que nos reúne neste contexto e lugar, à docência, no nosso caso, da área de estudos literários, de teoria literária, em uma academia que, na área da ciências humanas, está tendo que se redefinir e reposicionar constante e substancialmente nestas primeiras décadas do século XXI.

No Instituto Latino-americano da Universidade Livre em Berlim, lugar em que vivi uma etapa importante da minha própria formação com a Ligia Chiappini e outros colegas, não por último na docência,⁶ o papel da literatura vem perdendo

⁶ Foi ali que dei, na época do doutorado, as minhas primeiras aulas, inclusive

cada vez mais importância. E a minha experiência pessoal mais recente, como professor de Tradução e Estudos Culturais na Universidade de Mainz, está marcada por transformações profundas nos cursos e nos valores neles contidos e transmitidos, em uma tendência aparentemente inevitável de afastamento da reflexão e aproximação à aplicabilidade dos estudos ao mercado de trabalho. Seguem aqui, portanto, algumas reflexões do crítico literário e cultural em dúvida, à base da releitura de alguns ensaios do “mestre” Antonio Candido.

Partindo da sua já clássica definição do conceito de “formação” e da “literatura enquanto sistema”, posso hoje retrazar parte importante da minha própria trajetória:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações* literárias, de *literatura* propriamente dita, considerada aqui um *sistema* de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem a literatura aspecto orgânico da civilização. (CANDIDO, 2000, p. 23).

Essa concepção de um conjunto de produtores literários, de um conjunto de receptores (diferentes tipos de públicos) e um mecanismo transmissor (estilos) formando um “sistema simbólico” (CANDIDO, 2000, p. 23) está em proximidade evidente com outra proposta teórica, muito mais divulgada e influente em nível internacional: com o “campo cultural”,

um seminário sobre a crítica literária e cultural latino-americanista de Antonio Candido e Ángel Rama, de cujas leituras profundas e discussões intensas me lembro até hoje com saudade (cf. VEJNELKA, 2008).

especificamente o “campo literário”, na proposta do sociólogo Pierre Bourdieu (1992). Muito mais influente, sim, pois ela deu nova vida à sociologia da literatura, possibilitando novas perspectivas sobre a relação – que a mim muito interessa – entre a literatura e o seu entorno social, entre as obras literárias e as forças sociopolíticas que a envolvem. No meio desse discurso de maior divulgação, sempre volto ao modelo anterior de Antonio Candido, para mim o “original”, porque foi com ele que aprendi os fundamentos da literatura:

Mas há várias maneiras de encarar e de estudar a literatura. Suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela dependa da existência do triângulo “autor-obra-público”, em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição. (CANDIDO, 2000, p. 15-16).

Há quase dez anos, o meu posto atual me possibilitou dedicar-me mesmo e concretamente às minhas raízes de formação, que é o campo da tradução, na prática e na teoria. Evidentemente, eu tenho mantido contato com a área dos estudos literários, combinando a prática com a teoria com o ensino, com momentos muito felizes quando traduzimos algumas coletâneas literárias com os alunos na sala de aula. Entretanto, o entorno da Faculdade me fez tratar mais detidamente e profundamente de questões do traduzir nas suas diferentes variações, principalmente a tradução literária. Ali, estou sentindo-me muito à vontade na área da chamada Sociologia da Tradução, que é justamente a adaptação da concepção de Bourdieu ao chamado “campo tradutório”, e é aqui que posso confirmar, sem cair em fórmulas esvaziadas de elogio e veneração, que a “lição do mestre” Antonio Candido está exercendo até hoje forte influência no meu modo de perceber e conceber a literatura e a sua tradução.

O que está implicado aqui também é uma visão inspiradora da “tarefa crítica” – tanto do crítico literário quanto do tradutor literário –, que consiste em fazer parte dos mecanismos de circulação e recepção das obras literárias, contribuindo para a sua presença e relevância social, que sem ela perde toda legitimação e razão de ser.

A situação da literatura como sistema no seu contexto social determina as possibilidades e potencialidades do fazer tradutório no âmbito literário, como atividade dentro do sistema literário, e é análoga à situação da universidade como instituição formadora (no meu caso, formador de tradutores) dentro da sociedade. Com isso, a questão da tradição em um sistema literário, colocada exemplarmente por Antonio Candido, e, com ela, a dinâmica da formação da cultura – que implica atores como escritores e outros produtores, leitores e críticos, tradutores e outros mediadores – aparece no centro da nossa profissão.

Voltando para o *status* da literatura, concretamente, todos esses pontos são altamente problemáticos hoje em dia, diante das profundas transformações e da crescente fragmentação no campo cultural em geral, no comportamento do público cada vez mais especializado, em um ambiente no qual a relevância sociocultural da literatura não é mesmo evidente. Nós – profissionais relacionados com a literatura – fazemos parte dessa dinâmica, mesmo que só com contribuições minúsculas, em nichos especializados.

“Lições de Mestre”: o espírito crítico

Um ponto de partida para “repensar” na atualidade o papel da literatura e da sua crítica, se encontra no já citado ensaio

“Literatura, espelho da América?”, em que Antonio Candido responde à sua pergunta pela relevância da literatura no final do século XX com uma observação básica:

A literatura corresponde à necessidade universal de dar forma à fantasia, inclusive (talvez sobretudo) a fim de compreender melhor a realidade. [...] Tendo uma função psíquica e uma função social, a literatura pressupõe a combinação adequada de utilidade e gratuidade. (CANDIDO, 1995, p. 15).

Nesse texto de 1995, Antonio Candido cogita já uma possível transferência do papel definidor da autorrepresentação social da literatura para a mídia de massas, entretanto sem se aventurar em profecias concretas; e, mesmo sem a importância central de tempos anteriores, ele vê na literatura um potencial e uma capacidade de expressão e reflexão muito particular, que serviria de base para a sua sobrevivência. Essa capacidade se visualiza na própria evolução histórica da literatura latino-americana, a saber a aparente oposição entre as técnicas universais avançadas utilizadas para expressar conteúdos e temáticas originadas na tradição particular.

Vale mesmo revalorizar o mencionado tópico da “gratuidade”, hoje em dia talvez ainda mais do que há vinte e quatro anos, quando Candido já se opunha ao paradigma exclusivo da “utilidade” nas artes. Da mesma forma, escaparia de propósitos simplificadores de tornar a literatura “útil” no contexto educacional.

O mesmo problema se apresenta no meu dia a dia nos cursos dedicados à Tradução no contexto universitário: Poucos são os colegas e estudantes que, hoje, optam pelo viés “gratuito” do traduzir. Está em voga a aplicabilidade, a aquisição de “competências” úteis no mercado de trabalho, a tradução

altamente especializada, em parte e cada vez mais assistida ou substituída pela tecnologia, de textos “úteis”, relevantes nos mercados econômicos. Traduzir textos “inúteis” está virando um luxo, uma espécie de *spleen*. Afinal, a tradução literária não teria o seu lugar mais no âmbito das filologias e do amadorismo do que na área da Tradução propriamente dita (“*translation proper*”, na terminologia dos estudos tradutológicos)? Entretanto, há os poucos estudantes, professores e colegas tradutores que (ainda) reivindicam esse luxo, e eles também têm um “direito à literatura” que forma e humaniza, nas palavras de Antonio Candido.

Assim, chego ao conhecido ensaio “O direito à literatura”, de 1988, que nos confronta com uma ideia muito importante, ainda não suficientemente refletida: a literatura representa um direito fundamental, humano? Em volta dessa questão provocadora, Antonio Candido argumenta contra o nivelamento mental e o estereótipo da massa primitiva (problematizando o gosto na era da *mass media*) e nos oferece “um antídoto ao populismo midiático e ao pragmatismo extremo dos nossos dias” (CHIAPPINI; VEJNELKA, 2009, p. 250). Nesse contexto, Antonio Candido trabalha com a noção de literatura em sentido amplo, isto é, “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura” (CANDIDO, 2004, p. 174) ou, como consta em uma palestra “precursora” desse ensaio, publicada já em 1972:

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas. (CANDIDO, 2002, p. 81).

Temos aqui a literatura como portadora privilegiada, porque mais complexa, da ficcionalização como atividade e necessidade humana, ou como Candido propõe no ensaio de 1988, “Alternando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações.” (CANDIDO, 2004, p. 175). E parece ser justamente essa complexidade mencionada há um momento que a torna, até hoje, em confronto com tantas outras formas de narração e ficcionalização, especialmente apta e importante para a reflexão do homem na sua própria formação, isto é da cultura. Com isso, Antonio Candido toca no tópico da crítica e da docência como atividades “culturais” que se nutrem da função social da literatura, tiram o seu sentido ou seu sem-sentido do *status* dela:

De fato (dizia eu) [AC cita a sua palestra de 1972], “há conflito entre a idéia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. (CANDIDO, 2004, p. 176).

Em uma “crônica” (como ela mesma denomina o seu texto) de 2009, Telê Ancona Lopes, seguramente não por acaso, caracteriza esse texto de Antonio Candido em um sentido próximo ao famoso “*plaisir du texte*” de Roland Barthes (1973), como “ensaio que ao fundir, com rara pertinência, teoria literária, filosofia e análise de texto, nos confirma em nosso prazer cotidiano da leitura e em nosso mister de professores” (LOPEZ, 2009, p. 218). E, um pouco mais adiante, ela aponta para o perigo de retrocesso que está inerente às transformações que o papel da literatura está vivendo na atualidade nos diversos

campos, na sociedade em geral, na cultura em suas esferas altas e populares, na Educação, como um todo, e na Universidade, em particular:

O estudo da teoria e da crítica, que prescrevemos, é fundamental, instrumental, apoia; porém, quando se transforma na finalidade precípua de cursos e disciplinas, ignora o direito à literatura. Penso que o desdém ao mergulho no texto, à análise paciente dos elementos que o constituem, à capacidade de fruir poesia, ficção e crônica, condena o estudante ao *magister dixit*. Convida-o a se limitar em termos de evolução, humanização. (LOPEZ, 2009, p. 219).

Considerações finais

Antonio Candido nos oferece uma vacina contra a crítica sem textos nem contextos concretos, contra as projeções desligadas. Ele nos mostra que um acesso mais generalizado e amplificado à literatura não deve significar “simplificá-la” ou “reduzir o seu grau de complexidade”, porque este não é o critério de acessibilidade pela sociedade em geral. No pensamento de Antonio Candido, tentar providenciar condições e possibilidades mais igualitárias de acesso à cultura erudita não se deve confundir com “vulgarização” ou “banalização”.

É justamente essa a lição do seu ensaísmo e estilo só aparentemente fáceis – outra lição “de mestre” que o tradutor reconhece com gratidão e que me inspira no ofício de docente, passando aos alunos a consciência de que a leitura literária é uma aventura, e a sua tradução ainda mais, uma aventura mais proveitosa e prazerosa quanto mais “gratuita” ela é. A literatura simboliza o espírito que se opõe às tendências atuais de

simplificações precipitadas, muitas vezes injustas, cada vez mais perigosas, que vai contra a utilidade e aplicabilidade imediatas e a favor do pensamento crítico. No centro dessas reflexões, está a contradição fundamental da literatura como fenômeno social: a sua importância se origina nos momentos mais íntimos e reclusos, no ato da escrita e no ato da leitura. Por isso, parece-me decisiva e seguinte observação de Antonio Candido, com a qual quero terminar as minhas reflexões:

[C]onvém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (CANDIDO, 2004, p. 175-176).

Referências

- BARTHES, Roland. **Le plaisir du texte**. Paris: Seuil, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. **Les règles de l'art**. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Editions du Seuil, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CANDIDO, Antonio. Literatur und Unterentwicklung. In: EXNER, Isabel; RATH, Gudrun (Org.). **Lateinamerikanische Kulturtheorien: Grundlagentexte**. Konstanz: Konstanz University Press, 2015. p. 129-152.
- CANDIDO, Antonio. Literatur und Unterentwicklung. In: CANDIDO, Antonio. **Literatur und Gesellschaft**. Organizado por Ligia Chiappini, tradução para o alemão Marcel Vejmelka. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005. p. 185-206, 2005.

CANDIDO, Antonio. Literatura, Espelho da América? **Luso-Brazilian Review**. Madison, v. 32, n. 2: Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse, p. 15-22, 1995.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002. p. 77-92.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-192.

CANDIDO, Antonio. Der verkehrte Mensch. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJNELKA, Marcel (Org.). **Welt des Sertão** – Sertão der Welt. Erkundungen im Werk João Guimarães Rosas. Berlin: edition tranvía, 2007. p. 19-36.

CHIAPPINI, Ligia; VEJNELKA, Marcel. Einleitung. In: CANDIDO, Antonio. **Literatur und Gesellschaft**. Organizado por Ligia Chiappini, tradução para o alemão Marcel Vejmelka. Frankfurt am Main: Vervuert, 2005. p. 9-18.

CHIAPPINI, Ligia; VEJNELKA, Marcel. Antonio Candido na Alemanha. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, n. 12: “A obra de Antonio Candido”. p. 240-269, 2009.

DEL SARTO, Ana; RÍOS, Alicia; TRIGO, Abril (org.). **The Latin American Cultural Studies Reader**. Durham / London: Duke University Press, 2004.

LOPEZ, Telê Ancona. A literatura como direito. **Literatura e Sociedade**. v.14 n.11, p. 216-219, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i11p216-219>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FERNÁNDEZ MORENO, César (Org.). **América Latina en su literatura**. México, D.F.: Siglo XXI / UNESCO, 1972.

FERNÁNDEZ MORENO, César (org.). **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva / Unesco, 1979.

FERNÁNDEZ MORENO, César; ORTEGA, Julio (org.). **L’Amerique Latine dans sa litterature**. Paris: Unesco 1979.

VEJMEKKA, Marcel. O Brasil no território da América Latina. O pensamento de Antonio Candido e Ángel Rama. **CENSIVE. Revue Internationale d’études lusophones**. Nantes, n. 3, p. 87-109, 2008.

VEJMEKKA, Marcel. **Kreuzwege**: Querungen. João Guimarães Rosas *Grande sertão: veredas* und Thomas Manns *Doktor Faustus* im interkulturellen Vergleich. Berlin: edition tranvía, 2005.

ZILLY, Berthold. O Tradutor implícito: Considerações acerca da translíngualidade de *Os Sertões*. **Revista USP**. São Paulo, n. 45, p. 85-105, mar. abr. mai. 2000.